

Na primeira entrevista desde a vitória, o presidente eleito Donald Trump avisa que não tem escolha, a não ser expulsar os imigrantes ilegais. Republicano promete tornar a fronteira com o México "mais poderosa". Especialistas avaliam programa

Deportação em massa, um plano inegociável

» RODRIGO CRAVEIRO

Em entrevista à emissora de televisão americana NBC News, ontem, o presidente republicano eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, reafirmou a determinação de levar adiante um plano de deportação em massa de imigrantes ilegais e avisou que não tem escolha. "Não é uma questão de etiqueta de preço. Nós não temos escolha. Quando pessoas mataram, assassinaram, quando os traficantes destruíram países... Agora, eles estão voltando para esses países, porque não ficarão aqui. Não há uma etiqueta de preço", ressaltou.

Ele prometeu tornar a fronteira sul com o México "mais forte e mais poderosa". "Temos que fazê-lo. Queremos que as pessoas entrem em nossa nação. Não sou em quem diz: 'Não, você não pode entrar'", acrescentou. Em comícios de campanha, ao longo da última semana, Trump disse que não se opõe à entrada de estrangeiros, desde que estejam legalizados.

Brasileiros e outros estrangeiros não documentados temem pelo futuro. "Não é fácil, né? Mas Deus toma conta, Deus está no controle. Vamos ver se vai ser melhor ou se vai ser ruim para nós e para os Estados Unidos, né?", desabafou ao **Correio** o mineiro Pitó (ele prefere ter apenas o apelido divulgado), que mora ilegalmente na Filadélfia (Pensilvânia) desde 2018. "Há cinco anos, eu tinha medo até de sair de casa. A Imigração estava pegando muito. Tinha melhorado, agora entrou Trump. Eu não achei nada bom, vou esperar uns cinco meses de governo. No outro mandato, ele não fez muita coisa por causa da pandemia da covid-19."

Professor do Colégio da Fronteira Norte (instituição que estuda temas de violência e segurança pública, em Tijuana), o mexicano Vicente Sánchez Munguía admitiu ao **Correio** que seu país vê com preocupação o plano de deportação em massa anunciado por Trump. "As consequências disso seriam inimagináveis, tanto nos EUA quanto nos países de destino dos imigrantes. O México sofreria o primeiro impacto e não sabemos até quando poderia suportar a pressão do governo norte-americano", afirmou.

Getty Images via AFP



Em Eagle Pass, no Texas, soldados e policiais observam imigrantes que cruzaram o Rio Grande para tentar entrar nos EUA

O estudioso acredita que o governo Trump contemplará os não documentados em seu programa de expulsão. "Não se sabe quais nacionalidades seriam atingidas, mas é provável que envolva mexicanos e naturais de países fronteiriços (da América Central) em condições irregulares, que aguardam a chance de entrar nos EUA", acrescentou.

Sem autorização

Segundo Munguía, ainda não se sabe a que custo econômico Trump levaria adiante a deportação dos imigrantes. "Em seu primeiro governo, Trump chegou a dizer que o México seria o responsável pelo financiamento da construção do muro fronteiriço", lembrou. Por sua vez, Rogers M. Smith, professor de ciência política da Universidade da Pensilvânia, explicou ao **Correio** que, na condição

de chefe de Estado, Trump terá poder discricionário para agir sem autorização específica do Congresso e remover todos os ilegais presentes nos EUA, em violação das leis nacionais de imigração. "No entanto, a logística das deportações em massa é desafiadora, e haverá uma resistência política importante."

Ainda de acordo com Smith, Trump chegou a falar em expulsar 16 milhões de imigrantes. "É retórica de campanha. Não significa, necessariamente, que ele fará isso. As deportações em massa, nas décadas de 1930 e 1950, ocorreram em menor escala. As autoridades acabaram por expulsar muitas pessoas que eram cidadãos dos EUA. Grupos de defesa dos imigrantes conhecem essa história, têm excelentes advogados e aliados no Congresso, e estarão em alerta", observou.

O professor da Pensilvânia aposta que nem mesmo os simpatizantes de

Trump esperam que ele cumpra todas as promessas. "Eles amam a forma com que Trump exalta e expressa os sentimentos de frustração com a política migratória e celebrarão quaisquer medidas que ele tomar em uma direção mais restritiva", acrescentou Smith.

Para Fabiana Guerra — advogada e contadora especializada em mobilidade global, internacionalização de carreiras e de negócios —, o governo Trump trará incertezas para imigrantes, mas também possibilidade de oportunidades. "Principalmente para brasileiros com alta qualificação e investidores que desejam contribuir em setores estratégicos nos EUA", disse à reportagem. Ela crê que Trump adotará uma abordagem mais seletiva em relação à imigração, com foco na atração de profissionais que contribuam bastante com a economia americana." (Colaborou Isabella Almeida)

Eu acho...



Arquivo pessoal

"Espera-se que Trump anuncie o começo do processo de deportação com grande alarde. No entanto, se agir muito rapidamente, arriscará cometer ações contra cidadãos norte-americanos que desacreditarão o seu esforço. Acho que haverá muito alarde sobre deportação e menos ação real nos primeiros dias do novo governo. Ele também vai alterar várias políticas implantadas por Joe Biden que davam boas-vindas aos imigrantes, ainda que o atual governo tenha encerrado a maioria delas em 2023."

Rogers M. Smith, professor de ciência política da Universidade da Pensilvânia



Arquivo pessoal

"Donald Trump disse esperar que os Estados Unidos não financiarão, sozinhos, a deportação em massa de imigrantes. Suponho que ele terá o apoio do Congresso para isso, mas certamente Washington tratará de dividir os custos com os países de origem dos imigrantes. Alguns especialistas calculam que a deportação de cada indivíduo terá um custo de US\$ 1,9 mil."

Vicente Sánchez Munguía, professor e pesquisador do Colégio da Fronteira Norte (instituição que estuda temas de violência e insegurança pública, em Tijuana)

Trump começa a formação do gabinete

Donald Trump passou os últimos dois dias recluso em sua mansão de Mar-a-Lago, na Flórida, em reuniões com assessores para delinear o próximo gabinete da Casa Branca. No início da noite de ontem, os encontros começaram a dar resultado. O presidente eleito republicano anunciou o primeiro nome da equipe que o ajudará a governar os Estados Unidos entre 2025 e 2028. Susie Wiles, 67 anos, diretora de campanha de Trump foi nomeada para o cargo estratégico de chefe de gabinete da Casa Branca.

"Susie é forte, inteligente, inovadora e é universalmente admirada e respeitada", afirmou o republicano, por meio de um comunicado. "Seguirá trabalhando incansavelmente para tornar os Estados Unidos grandes novamente. É uma honra merecida ter Susie como a primeira chefe de gabinete na história dos Estados Unidos", acrescentou. No discurso de vitória, Trump disse que Susie "não está escondida".

A imprensa norte-americana especula sobre os outros nomes para cargos-chave na nova administração. Há duas certezas: o bilionário Elon Musk — dono da Tesla, da SpaceX e da rede social X — foi convidado e aceitou supervisionar uma ampla reforma do governo federal, a fim de enxugar a máquina pública; Robert F. Kennedy Jr., sobrinho do ex-presidente John Fitzgerald Kennedy, é cotado para comandar a Secretaria da Saúde.

O Departamento de Estado ou o Conselho de Segurança Nacional deve ficar

sob a tutela de Richard Grenell. Ex-embaixador dos Estados Unidos na Alemanha, Grenell, 58, também ocupou o cargo de diretor interino de Inteligência Nacional dos Estados Unidos. O nome de Tom Cotton, 47, senador pelo Arkansas, é considerado um dos favoritos para a Secretaria da Defesa. O congressista desempenhou papel relevante nas Comissões do Judiciário, de Inteligência e dos Serviços Armados no Congresso. A pasta da Energia pode ficar com Doug Burgum, governador de Dakota do Norte.

Lealdade

"O nome de Susie Wiles me parece bom. Ela é leal a Trump e tem a confiança dele", disse ao **Correio** Timothy Hagle, professor de ciência política da Universidade de Iowa. Segundo ele, a lealdade será um ponto crucial, que o presidente eleito levará em consideração. "Isso porque alguns de seus assessores, durante o último governo, mostraram-se desleais. É possível que Trump esteja de olho em alguns senadores e governadores para preencher o gabinete", avaliou.

Hagle acredita que um governador de um estado rural pode servir como secretário da Agricultura. "Trump precisará ser cuidadoso sobre considerar a nomeação de senadores. Mas, não pode correr o risco de perder a maioria republicana no Senado", advertiu.

O professor de Iowa descarta a priorização de figuras conservadoras. "Algumas das visões de Trump nem sempre

Getty Images via AFP



estão alinhadas com posições conservadoras. Em alguns cargos, como as pastas da Defesa ou do Estado, ele provavelmente buscará pessoas fortes, que tenham a habilidade e a vontade de adotar suas políticas", disse Hagle. Para a chefia da chancelaria americana, o estudioso aposta que Trump quer um nome sólido, mas com o cuidado de não se envolver

diretamente em guerras no exterior. "Isso significa que ele não quer um 'falcão' no Departamento de Estado. Por outro lado, a pasta da Defesa será preenchida por alguém disposto a usar o poderio militar dos EUA quando necessário."

Ivanka, filha de Trump, rejeitou fazer parte do governo. O envolvimento dos outros filhos, Don e Eric, também é



Susie é forte, inteligente, inovadora e é universalmente admirada e respeitada. Seguirá trabalhando incansavelmente para tornar os Estados Unidos grandes novamente. É uma honra merecida ter Susie como a primeira chefe de gabinete na história dos EUA"

Donald Trump, presidente eleito dos EUA (na foto, com Susie Wiles)

improvável. "As regras de nepotismo em Washington provavelmente coibiriam posições oficiais. A confirmação de nomes precisa do voto da maioria no Senado. Os democratas travariam uma batalha para barrar essas nomeações", concluiu Hagle. (RC)

LEIA MAIS NA PÁGINA 12